

Devagar, que a estabilidade é de barro

Luiz Fernando de Paula

O Estado de S. Paulo, 3 de junho de 2007

Conforme ideário de Bresser-Pereira, excesso de otimismo pode ser armadilha do populismo econômico.

A publicação do livro *Macroeconomia da Estagnação*, de autoria de Luiz Carlos Bresser-Pereira, chega em boa hora. No momento em que os analistas econômicos passam a vislumbrar um ciclo de crescimento sustentado para a economia brasileira - ainda que bem abaixo da média dos países emergentes e, sobretudo, dos outros países que compõem o BRIC -, esse livro serve como um alerta contra esse excesso de otimismo.

O livro reúne um conjunto de análises e reflexões que têm sido feitas mais recentemente por Bresser-Pereira. É interessante destacar que, após vários anos de vida profissional no meio empresarial e na administração pública, este é possivelmente o período mais fértil de sua vida intelectual. É comum encontrá-lo em congressos e encontros de economia e ciências sociais apresentando versões preliminares de seus artigos e discutindo trabalhos de outros, demonstrando impressionante vitalidade.

Bresser-Pereira já havia dado nos anos 1980 uma contribuição importante, junto com Yoshiaki Nakano, na análise (pioneira) sobre a inflação inercial, mas desde então esteve freqüentemente absorvido pela administração pública. No período recente destacam-se as discussões que ele e Nakano levantaram - a partir de uma nova perspectiva - sobre os motivos de as taxas de juros serem tão elevadas no Brasil e ainda sobre as implicações da estratégia de crescimento com poupança externa, discussões essas que ele retoma em seu livro.

Para Bresser, em que pese o sucesso no processo de estabilidade de preços, obtido com o Plano Real, a economia brasileira tem submergido em um processo de quase-estagnação de longa duração, presa a uma armadilha que combina altas taxas de juros com uma taxa de câmbio apreciada. Essa combinação não contribui para criar a demanda necessária para que a taxa de acumulação de capital alcance o nível necessário para um crescimento sustentado e elevado. A principal causa dessa quase-estagnação é a política macroeconômica que vem sendo adotada desde 1994, sob a égide da ortodoxia convencional. O mix de política econômica adotado inibe investimentos, deteriora o quadro fiscal, aumenta a carga tributária asfixiando o setor produtivo, eleva as importações e, por fim, cria a permanente ameaça de crise no balanço de pagamentos.

Bresser-Pereira mostra que por detrás desta política macroeconômica está subjacente o que denomina de “populismo econômico”, que se desdobra no populismo fiscal e no populismo cambial. O populismo fiscal estaria relacionado à artificialidade de se manter uma política de geração de superávits fiscais primários elevados, de modo a garantir a transferência de recursos do Estado para a classe de rentistas (em função da manutenção de juros reais elevados), mas sem ter uma preocupação efetiva de zerar o déficit

nominal (que inclui as despesas com juros da dívida pública). O populismo cambial, por sua vez, se expressaria na manutenção de uma taxa de câmbio apreciada, que aumenta artificialmente os salários e o consumo interno, mas que acaba deprimindo as exportações líquidas, investimentos nos setores comercializáveis e a poupança da economia, comprometendo assim o crescimento sustentado.

Cabem algumas ressalvas com relação ao uso excessivamente generalizado do conceito de populismo econômico. Afinal, nem sempre um câmbio apreciado pode ser atribuído a uma intenção da autoridade econômica - como tipicamente é o caso da experiência inicial de estabilizar a economia com o uso de âncora cambial. Contudo, a julgar pelas declarações recentes das autoridades governamentais, como a do Ministro da Fazenda e a do próprio Presidente da República, este parecendo muito satisfeito com os efeitos da valorização do câmbio, é bem possível estarmos incorrendo em uma situação típica de populismo cambial.

Na discussão a respeito da sobreapreciação da taxa de câmbio insere-se também a preocupação de Bresser com a chamada “doença holandesa”, que ocorre quando a renda gerada por uma grande descoberta ou abundância de recursos naturais (como ouro, petróleo e gás) gera uma excessiva apreciação cambial, que reduz a competitividade e produção de outros setores comercializáveis, mesmo que a produção destes use os melhores métodos de produção e tecnologias sofisticadas. Segundo ele, haveria indícios de que estaríamos sofrendo da maldição dos recursos naturais, acarretando a transformação de parte da indústria brasileira em “maquiladoras” para sobreviver ao câmbio apreciado e continuar a exportar, ainda que com decrescente conteúdo tecnológico.

O novo desenvolvimentismo de Bresser-Pereira é reformista e se diferencia em vários aspectos do “velho desenvolvimentismo”. Define estabilidade macroeconômica como pleno emprego e crescimento econômico estável, acompanhado por baixa inflação e contas externas sustentáveis. Para tanto, sugere a adoção de uma política de câmbio flutuante, mas administrada, um ajuste fiscal inicial forte e uma redução mais acentuada na taxa de juros de curto prazo, no contexto de uma política macroeconômica que esteja inserida em uma estratégia nacional de desenvolvimento. Nesta última, prioridade deve ser dada ao estímulo às exportações e ao crescimento do investimento com poupança interna. Enfim, é clara sua intenção de atingir “corações e mentes”, e isso é feito em uma análise ao mesmo tempo profunda e bem articulada.

*** Luiz Fernando de Paula é professor de Economia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e organizador do livro Sistema Financeiro: uma Análise do Setor Bancário Brasileiro**